



# Linguística Aplicada das Profissões

VOLUME 16 nº 1 - 2012

---

## APRESENTAÇÃO VEREDAS SARANGI

O presente volume tem sido por nós, editores, intitulado carinhosamente de Veredas Sarangi. Isso se deve a nossa decisão de montarmos um volume que pudesse dar visibilidade a uma parceria, iniciada em 2005, entre os pesquisadores dos Programas de Pós-Graduação da UFJF e da PUC – Rio e o professor Srikant Sarangi, do Health Communication Research Centre & Centre for Language and Communication, da Universidade de Cardiff.

Graças ao apoio do CNPq, da CAPES e das Universidades envolvidas, foi possível receber a visita do Prof. Srikant Sarangi, no caso da Universidade Federal de Juiz de Fora, em 2007, 2009, 2011 e agora em 2012. Nessas visitas, o Prof. Sarangi realizou palestras, discutiu dados com alunos e pesquisadores do Programa, enfim, criou um espaço para a discussão de questões teórico-metodológicas relevantes para quem atua, no que ele denominou, uma Linguística Aplicada das Profissões.

De uma maneira geral, existe um consenso entre nós, pesquisadores brasileiros, que fazer Linguística Aplicada (LA) é reconhecidamente se comprometer em produzir conhecimento útil sobre problemas de relevância social (Rojo, 2006). Outro consenso

também é o de que a Educação é uma questão de relevância social. Mas, ainda que se reconheça que os problemas de relevância social podem estar situados, tanto no contexto da escola quanto fora dela, ainda se vê a primazia do contexto escolar em LA em território nacional. Nesta medida, o presente volume vem a preencher uma lacuna na área de LA, porque elege o contexto mais amplo das profissões como temática de trabalho. Como nos instiga o Professor Sarangi, a Linguística Aplicada das Profissões (LAP) coloca-nos frontalmente diante das seguintes perguntas: 1) O que é ou não é aplicado ou aplicável no que fazemos como pesquisadores? 2) Que tipo de relação estabelecemos com as pessoas que pesquisamos? 3) O que fazemos com o conhecimento que elas possuem a respeito de suas práticas profissionais?

A natureza das perguntas nos leva a identificar alguns dos pilares propostos por Sarangi para uma pesquisa em LAP. Uma delas é a relevância, não só social, mas especificamente prática do conhecimento produzido em domínios profissionais, tais como a lei, a saúde, a mídia, a organização, a interpretação, a tradução etc., enfim, em campos profissionais em que a atividade é focada na linguagem.. Há um compromisso dos pesquisadores em construir conhecimento novo sobre uma prática profissional com base num ferramental teórico próprio dos estudos da linguagem. A outra é a busca de uma pesquisa colaborativa em que o conhecimento do profissional é levado em consideração nas interpretações do analista. Outra condição é a participação densa do pesquisador no contexto estudado. Ao analisarmos o cenário escolar, contamos com o conhecimento construído no longo processo de socialização naquele ambiente. Mas quando entramos em outros campos profissionais, somos estrangeiros. Não temos um tempo de letramento que nos permita ver o que os profissionais veem, o que dificulta a nossa tarefa de revelar o que eles não veem.

Atuar no âmbito de uma LAP traz também alguns desafios teóricos e práticos. Um dos teóricos, como salienta o Professor Sarangi, diz respeito aos desafios interpretativos enfrentados pelo analista dada a complexidade na relação linguagem e contexto, nos cenários profissionais.

Por outro lado, vemos também que a relação de trabalho com a área aplicada profissional coloca-nos alguns desafios práticos. O primeiro deles é em relação a nossa entrada no campo. Ela nem sempre ocorre em condições em que há demanda da organização/instituição. Daí decorre outra questão: em qual condição isso ocorre, i.e., qual o nosso papel aí (o de convidado? Pesquisador que se impõe? O de perito?, etc.). O

segundo ponto é em relação a nossa saída. O que fazemos com os resultados da pesquisa? Como adequamos nossa linguagem a uma empresa, a uma revista não científica, a um congresso da outra área? Como retornamos o conhecimento produzido? Segundo Sarangi (conversa pessoal), só se “dá retorno”, quando se tirou algo de algum lugar. Ou seja, a LAP coloca-nos diante de uma situação nova de linguagem e de atitude em nosso trabalho.

Tendo em vista estes parâmetros, os artigos que escolhemos para integrar este volume são trabalhos de relevância no contexto nacional, que de alguma forma relacionam-se com a temática das profissões e tem uma preocupação com a natureza aplicada da pesquisa, dentro e fora da escola.

Assim, abrimos o volume com dois artigos de pesquisadores internacionais com conteúdo de natureza programática. O artigo de Sarangi, derivado de sua palestra em Juiz de Fora, em junho de 2007, apresenta-nos o campo dos Estudos do Discurso Profissional ou da LAP e suas especificidades. Em seguida, iniciamos o percurso dos contextos profissionais com um nome expoente no cenário internacional - Malcolm Coulthard, um linguista com larga experiência no cruzamento de fronteiras entre a academia e a prática profissional, e em um contexto de difícil acesso: o do direito. Coulthard discute as possibilidades de trabalho aplicado na área que intitula de Linguística Forense e discute aspectos fundamentais relativos a problemas de uso de linguagem no mundo da lei, com exemplos impactantes do trabalho do linguista.

A seguir, é a vez dos pesquisadores brasileiros. Organizamos suas contribuições de acordo com os cenários profissionais contemplados: o escolar/acadêmico, o jurídico, o empresarial e o da saúde. Três artigos abordam questões relativas ao primeiro cenário. Rocha e Deusará examinam o papel da avaliação em sua função prescritiva, descendente e remontante, no trabalho do professor de cursos de pós-graduação *stricto sensu*. Barros volta sua atenção para uma questão ainda nebulosa na literatura – as marcas da interatividade em textos escritos. Com base na análise de dois gêneros acadêmicos, o chat e o memorial, a autora mostra a relação entre marcas de interatividade e trabalhos de face. Cyranka e Magalhães discutem a relevância de se fazer intervir os temas - modalidade oral e variação linguística- em uma proposta de desenvolvimento de competências para o uso da língua portuguesa.

O segundo eixo organizador – o cenário jurídico – é constituído por quatro artigos que exploram as seguintes práticas: a mediação em Vara de Família e em

Juizado Especial; o serviço 190, oferecido à população pela Polícia Militar; os interrogatórios na Delegacia da Mulher. Gago, Vieira e Sant'Anna problematizam a propalada – e desejada – neutralidade dos mediadores, mapeando e descrevendo as ações avaliativas realizadas pela mediadora em sua intervenção em uma disputa relativa à guarda de filhos em uma Vara de Família. Ladeira explora o uso de formulações na mediação em Juizados Especiais, mostrando a sua função estratégica no controle da trajetória e dos resultados da interação. Del Corona e Ostermann identificam um aspecto crucial para o sucesso dos atendimentos telefônicos no serviço de emergência da Brigada Militar (190): o modo como comunicantes e atendentes constroem formulações de lugar ao negociarem o local para onde a viatura deve ser enviada. Finalmente, Marques e Bastos contemplam a interação inspetor/suspeito, em uma Delegacia da Mulher. Neste trabalho, as autoras mostram como as ações do inspetor, especificamente as de perguntar e de recontextualizar a resposta do suspeito, são recursos utilizados na construção do *footing* de culpado para o interrogado.

O terceiro cenário – o empresarial – é aqui representado por dois artigos. No primeiro, Oliveira e Silveira trazem para discussão o(s) significado(s) do trabalho diante da crise do emprego e do crescimento de modalidades alternativas de atuação profissional. A proposta das autoras é a de investigar os repertórios interpretativos - e os dilemas ideológicos resultantes - que emergem quando profissionais de alto nível de qualificação são instados a falar, em entrevista de pesquisa, sobre a decisão - voluntárias ou não - de migrar do emprego para o autoemprego. A análise dos léxicos de cada modalidade mostra que o autoemprego resgata valores positivos para o trabalho e questiona a centralidade do trabalho em nossas vidas.

No segundo artigo, Garcez, Frank e Kanitz contemplam a produção de conhecimento em um laboratório de tecnologia, voltado para a produção de materiais biomédicos. A análise das trocas interacionais mostra que essa produção se dá de forma colaborativa e situada, atendendo a contingência de trabalho e não a questões abstratas.

No terceiro artigo, Borges e Ostermann olham o processo de construção da intersubjetividade na interação de profissionais do setor elétrico diante de eventos inesperados. A análise chama a atenção para o papel decisivo da divergência na orientação dos participantes no retardamento de uma decisão que resolucione o problema enfrentado.

O quarto cenário – o da saúde – contempla uma atividade de profissionais de saúde ainda não descrita: a dos agentes comunitários de saúde. Nesse artigo, Pereira e Cortez mostram como agentes comunitários de saúde co-constroem papéis e re-significam atividades em função dos múltiplos discursos que operam sobre mesmos.

Esperamos que essa pequena seleção de artigos mostre um pouco “a nossa cara”, o nosso compromisso com a produção de conhecimento de relevância prática para os profissionais de diferentes campos, de relevância social para o crescimento das pessoas, para a melhoria da sociedade e para o desenvolvimento do país.

#### ORGANIZADORES

Sonia Bittencourt Silveira  
Paulo Cortes Gago  
Maria do Carmo Leite de Oliveira

## **EXPEDIENTE**

### **UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**

#### **Reitor**

Henrique Duque de Miranda Chaves Filho

#### **Vice-reitor**

José Luiz Rezende Pereira

#### **Pró-Reitora de Pesquisa**

Marta Tavares d'Agosto

#### **Pró-Reitor de Pós-graduação**

Fernando Monteiro Aarestrup

### **FACULDADE DE LETRAS**

#### **Diretora**

Marta Cristina da Silva

#### **Vice-diretor**

Edimilson de Almeida Pereira

#### **Chefe do Departamento de Letras**

Denise Barros Weiss

#### **Chefe do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas**

Rosemary Abraão Nascif

#### **Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística**

Luciana Teixeira

### **COMISSÃO EDITORIAL DA REVISTA**

Luiz Fernando Matos Rocha

Luciana Teixeira

### **ASSISTENTES EDITORIAIS**

Ludmila Meireles Lage

Tatiane Silva Tavares

Programa de Pós-Graduação em Linguística

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Campus Universitário s/n, Martelos

36036-900, Juiz de Fora - Brasil

Tel.: +55 32 2102 3135

Fax: +55 32 2102 3135

e-mail: [ppg.linguistica@ufjf.edu.br](mailto:ppg.linguistica@ufjf.edu.br)

Copyright: Programa de Pós-Graduação em Linguística - UFJF